

# Perfil



## *Meu perfil do João Antônio*

Caio Porfírio Carneiro

No final dos anos 50 o escritor Ricardo Ramos, que dirigia o suplemento literário do jornal *Última Hora*, de São Paulo, promoveu um concorrido concurso de contos de Natal. Além de duas menções honrosas, três contistas foram classificados: eu em terceiro, Julieta Godoy Ladeira em segundo, João Antônio em primeiro, com *Natal na Cafua*, que posteriormente incluiria no livro de estréia, *Malagueta, Perus e Bacanaço*. A Editora Cultrix, que patrocinou o concurso, ofereceu um coquetel no salão da própria editora, ao fim do qual saímos, eu e João Antônio, pelas ruas da cidade, entrando em botecos. Terminamos a noitada altas horas, exaustos, num banco da Praça da Sé. Contava ele vinte e dois anos e eu alcançava a casa dos trinta.

Foi o meu primeiro encontro com ele. Foi o começo de uma amizade que se estreitaria ao ponto de João Antônio, muito jovem e à procura de emprego, chegar-se à minha família, freqüentar minha casa e o escritório dos meus irmãos Manoel e Luiz Mauro, na rua Barão de Paranapiacaba, para datilografar os contos que andava escrevendo.

Numa tarde de muito calor, convidou-me ele para uma cerveja. Atravessamos o Viaduto do Chá, descemos para a rua Formosa e entremos num bar pegado ao Cine Cairo. O garçom trouxe a cerveja e ele pediu:

— Me traga também um papel de embrulho, novo.

O garçom trouxe uma daquelas antigas folhas, um tanto porosas, para enrolar pão. Com um lápis, João Antônio começou a esboçar um mapa de bairros da cidade e a falar de três malandros a percorrê-los.

— Estou com esta história na cabeça. São três tipos: Malagueta, Perus e Bacanaço.

Falou muito, riscou muito, bebemos muito.

— O que você acha?

— João Antônio, estou metido com uns contos regionais. Tenho pouco tempo de São Paulo.

No dia seguinte, apareceu no escritório com rascunhos em vários bolsos e em papéis amarfanhados. Foi direto para a máquina e começou a dar ordem àquilo. Não falava em outra coisa. A novela que escrevia era uma obsessão. Almoçávamos na minha casa ou na cidade e voltávamos ao mesmo bar, o seu entusiasmo sempre crescendo. De repente, entre um gole e outro de cerveja, acrescentou:

— Vou ampliar a novela. Vou dar vida às pessoas vivas da cidade de grande popularidade: o sambista Germano Matias, o Carne Frita... Vão se entrosar com os três malandros. O que acha?

— Não sei, João Antônio. Pode dar certo ou você pode cair do cavalo. Mas você quem conhece tudo isto de perto. Tente.

Não tentou. Pensou então, com entusiasmo redobrado, incluir um tipo de uma grande foto de jornal. Um bêbado, calças arriadas, nádegas à mostra, dedo em riste para o delegado, e a legenda: “O senho sabe com quem está falando?” Andou dias com a folha de jornal no bolso, mostrando a todo o mundo.

— Esse cara é o máximo. Tem que entrar na novela.

Não entrou. Os três personagens estavam definitivamente criados, não lhe saíam da cabeça e não cediam espaço para mais ninguém.

Creio que foi o trabalho escrito por João Antônio com maior amor e com muita dor. Semanas, meses, escrevendo, reescrevendo, mudando, rasgando. Encheu uma das gavetas da mesinha da máquina de escrever de rascunhos desordenados, parte deles

entregue à poetisa Ilka Brunilde Laurito, sua amiga querida, para que ela também opinasse.

Novela pronta, voltamos ao mesmo bar. Leu-me tudo, de ponta a ponta, e a cerveja correndo. A mesa se encheu de garrafas, ele alegre como uma criança.

— Enfim, de qual dos três malandros você mais gostou?

— Do quarto.

— Como do quarto?

— Da alma da cidade. Para mim ela cresce mais do que esses três caras... O teu trabalho está um espetáculo, João Antônio.

— Mais uma, para comemorar.

Não demorou muito tempo entrou ele espavorido no escritório:

— Caio, perdi tudo. A minha casa pegou fogo e perdi o único original do *Malanqueta*. Não tenho cópia.

Por pouco não joguei no lixo os rascunhos que ele guardara na gaveta da mesinha da máquina. Apontei:

— Os rascunhos estão ali. Quase jogo fora. A Ilka deve ter alguma coisa.

Ele espalhou tudo aquilo num sofá.

— Puxa vida. Graças a Deus.

Levou tudo e trancado numa sala da Biblioteca Municipal Mário de Andrade reescreveu toda a novela. Tinha o material bruto em mãos, a versão quase definitiva.

Refeito o trabalho, montado o livro, fizemos a revisão final para publicação pela Editora Civilização Brasileira, do Rio, num sábado inteiro, no escritório da Agência Petinatti de Publicidade, Rua Conselheiro Crispiniano, quase frente ao *Mappin*, onde conseguiu emprego com o escritor Jorge Rizzini.

Além da novela, na menina dos olhos, tinha particular agrado pelos contos “Meninão do Caixote”, “Fujie” e “Afinação da Arte de Chutar Tampinha”.

— Você já viu, Caio, um moleque chutar tampinhas na rua? É uma arte incrível, espetacular.

Dos três vencedores do concurso da *Última Hora*, quem apareceu primeiro em livro fui eu, com *Trapiá*, em 1961. No ano seguinte veio a Julieta de Godoy Antônio, com *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Ganhou o prêmio “Fábio Prado” e começou a sua caminhada de sucesso de público e crítica.

A amizade perdurou sem interrupção. Tardes inteiras dos sábados na casa do escritor Hermann José Reipert, que estreava com a novela “Travessa do Elefante”, “Sem número”. Rondas constantes pelos botecos, buates, de que ele não gostava muito. Adorava o mundo da gente simples, classe baixa e desendinheirada. Descobria tipos exóticos:

— Olha ali, olha ali. Aquele cara não é o máximo?

Tudo o que rompia com os padrões estabelecidos, com a falsa moral burguesa, lhe agradava, embora andasse sempre bem vestido e engravatado. Divertia-se com o mundo da malandragem, observava-o com agudo olho clínico, extraía dele o seu lado um tanto chaplianiano. Era a matéria viva da sua arte, mais do que a outra, que se escondia nas sombras dos problemas sociais.

Depois de uma primeira fase no Rio, voltou definitivamente para lá.

Veio, então, a etapa da correspondência. Uma correspondência intensa, sem interrupção, que perdurou pelo resto da década de 60, toda a década de setenta e parte da de 80. Com o tempo, ele lá e eu aqui, tudo acabou nos raros encontros pessoais, quando ele vinha a São Paulo.

Guardo do amigo seis pastas de cartas, passando de cem, caminhando para duzentas. Assuntos variadíssimos, que vão da crítica às editoras, às suas aperturas financeiras, à saudade do início

da sua carreira, às queixas por tudo e por nada, ao simples ato de escrever por escrever.

Difícil selecioná-las para um trabalho como este. No seu conjunto, pode-se iludir melhor a sua personalidade e a sua irrequieta vida de escritor.

Aqui vai uma pálida amostragem de ambas.

Rio, 22 de agosto de 1965.

Chapola Caio Porfírio Carneiro,

Nunca me esqueço dos amigos. E ainda estou com a alma pura, pura, embora o corpo esteja carcomido pelas delícias dos pesados pansexuais. *Et in vino veritas!* Viva o pecado!

Salve, Caio, um maluquinho te saúda!

Acabo de ser traduzido em Buenos Aires. O recorte do Caderno B, aí anexo, atesta, apresentando a reprodução da capa. Leia e me faça três favores. Mostre ao Hermann. Peça ao Henrique L. Alves que noticie. E me devolva este recorte que precisarei dele. Como você vê, os meus malandros estão caminhando...”

Era o começo da sua euforia com o sucesso de *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

Rio, 20 de setembro de 1965.

Caio, prezado,

Vá para o raio que o parta, antes que eu me esqueça! Merda para você. Deixe de me gozar. Se você ainda fosse uma crioula ou mulata bem enxutinha, bem que eu poderia admitir tais liberdades. Mas você é um merduncho muito do crescidinho e não devo admitir tais enchimentos de saco.

Merda, portanto, para você! E vamos ao que interessa.

Anda, como você deve saber aí, ocupadíssimo com as *starlets* que compõem a beleza feminina do Festival Internacional do Filme. Na

qualidade de repórter-especial do Caderno B do *Jornal do Brasil*, não posso deixar minhas irmãs desamparadas. Vivo no Copacabana Palace, na areia da praia e nos corredores do Cine Rian, Copacabana posto 5 e meio, pesquisando formas e pescando novas. É de lascar, meu irmão. Falando claro: ando tonto diante de tanta gatinha em flor. Taí, bom título pra livro — *À sombra das gatinhas em flor*. E o chato do Proust que vá lambar sabão!

Não me recordo qual a gozação que fiz com ele. Andava deslumbrado com o Rio. Várias de suas cartas, dessa época, mostram um João Antônio turista, embevecido com a cidade e as caricocas.

Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1965.

Prezado Caio Porfírio Carneiro,

Muito boa a situação do seu livro na Civilização Brasileira. Está quase pronto e na segunda-feira a “orelha” feita por mim irá para as oficinas.

Apenas este trecho de carta para dizer que o João Antônio quebrou lanças, ao lado do escritor Moisés Vinhas, para o lançamento do meu romance *O Sal da Terra* pela Civilização Brasileira. Fez as orelhas e me ajudou muito a divulgá-lo no Rio.

Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1965.

Prezado Caio Porfírio Carneiro,

[...]

Estou puto dentro da roupa com essa história de meu casamento. Uma bosta muito grande é o desfile das vaidades pequeno-burguesas, a limitação mítico-religiosa em que vivem nossos pais, avós, e etc. É uma lástima. O criador do marxismo tem razão: essas famílias precisam ser exterminadas. Porque vivem e se agasalham de mentiras.



Ademais, estarei firmando um contrato em que não acredito e muito menos respeito. O próprio amor é falível e não creio que esse tipo de união esteja fadado a durar. Entretanto...

Caso-me a 11 de dezembro. Marília, a parte outra interessada no contrato, lhe enviará convite oficial da palhaçada...

Duas outras cartas escreveu-me falando do seu casamento, numa delas declarando que só ia à cerimônia porque era obrigado. Marília, critura doce, deu-lhe um filho. Anos depois, ela e o filho foram morar nos Estados Unidos. João Antônio passou por outros amores. Mas, nos momentos de aflição ou solidão, era para Marília que telefonava e apelava.

Rio, 11 de maio de 1966.

Caro Caio:

E viva a revolução de 64 que elevou o País ao nível das maiores potências internacionais! Acabou com a fome, diminuiu a inflação, exterminou com a onda aumentista, incrementou a indústria e a agricultura e a pecuária, levantou novas fontes de crédito e comércio exterior, aproveitou a Amazônia e, muito particularmente: acabou com a cambada de exploradores do povo. Os esquerdistas, vermelhões desavergonhados que comem criancinhas no espeto! Viva, portanto, os bambam-bans da democracia! Os bons filhos da terra e pais da pátria amada. Salve, salve! E vamos todos cirandar. Pois. Caio, estamos boiando num mar de merda. Estamos no Paraíso do capital e da mentira. Aqui no Rio só nos falta mesmo é vender o Pão de Açúcar, arrendar o Corcovado e tirar sangue da Pedra da Gávea. Porque não tem mais por onde pular e de onde arrancar o tutu de cada dia.

Esta carta me chegou de repente, sem resposta a nenhuma. Outras se seguiram, falando mal da situação financeira, própria e do País. Se bem atacasse o regime militar e o ironizasse, João An-

tônio pouco ou nunca se envolveu em política. Era um tema de que não gostava discutir. Quando o fazia, apelava para a piada, começava logo a caracterizar militares como tipos exóticos, de ficção.

Rio, 11 de julho de 1966.

Caio, meu bom:

Onde está você, Hermann, Maria Geralda do Amaral Mello, Amir Vieira e o resto do possoal?

Definitivamente, o João Antônio foi largado ao abandono dessa turma toda. Porque ninguém me dá sinal de vida, de jeito nenhum...

[...]

De resto, poucas novidades neste finzinho de inverno carioca. Pouca praia, alguns passeios, uns joguinhos de leve por aí, uma que outra fêmea em disponibilidade. E nenhum álcool. O médico me proibiu *definitivamente* (grifo do autor), pois tenho uma complexa complicação figadal. Como vê, eu não passo de um triste desgraçado.

Escreva-me logo, homem!

Esculhambações minhas a todos os amigos que esquecem desta aqui. E um grande abraço do camarada

João Antônio

Ele tinha particular amizade ao Hermann José Reipert, de quem já falei. Adorava o livro *As três quedas do pássaro*, da Maria Geralda, e nunca se conformou, em cartas afora, com o fato de a escritora ter publicado só aquele livro. Já o Amir Vieira era um jovem talentoso que venceu um concurso de contos promovido pelo poeta Judas Isgorogota, na sua página literária de *A Gazeta*, de São Paulo, por volta de 1964. Além de Judas, João Antônio e eu compusemos a comissão julgadora. Quando soube que Amir era da velha cidade de Apiaí, interessou-se logo e passou com ele uma semana pescando e caçando nas matas da Serra do Mar.

Impressionante a ordem do médico de proibí-lo beber definitivamente. Não chegara aos trinta anos. Esse problema se agravaria e o atormentaria pelo resto da vida. Mas do copo ele não se afastou.

Rio, 10 de março de 1966.

Caio, meu prezado:

Você não perde a mania de me chamar de João. Já lhe disse um bilhão de vezes que o meu nome é João Antônio. E que João, após o advento do Garrincha, mestre ora exilado em São Paulo ou Corinthians Paulista, a palavra João ficou sendo apenas joão (sem maiúscula). Isto é, substantivo simples, comum, nome de coisa e não de gente. João, sozinho, após o advento do Mestre Mané, é sinônimo de trouxa, mocorongo, cavalo-de-teta e outros penduricalhos. Veja lá: o meu nome é João Antônio.

Portanto, mais respeito com este pobre autor...

Ele não admitia que ninguém o chamasse apenas de João. Esculhambava logo. Até que demorou um pouco comigo. Aguentou o mais que pôde. Quando estourou foi para valer...

Rio, 27 de dezembro de 1966.

Caio Porfírio Carneiro, caro:

Meu velho, antigamente eu andava sem dinheiro e costumava me dizer: “Estou a perigo, meu chapa”. Agora, eu ando sem dinheiro e já me acostumei. Estou sempre duro e, como o perigo é intermitente, esqueci o perigo. O hábito fez o monge. Duro invariavelmente, indefinidamente. Durão, durinho, Duro. Azar meu...

Falava-me, sistematicamente, da sua vida financeira apertada. Mas, ao mesmo tempo, das reportagens que escrevia para jornais e revistas, os serviços encomendados pela Editora Civilização

Brasileira, do seu projeto de novo livro, e, sem falha, voltava a perguntar pelos amigos do início da sua carreira.

Os anos se passaram, a correspondência continuou intensa, e quando nos encontrávamos, casualmente, no Rio ou em São Paulo, sempre tirávamos uma noite para uma conversa mais longa. Numa dessas, num encontro na “Oficina da Palavra — Casa Mário de Andrade”, na Barra Funda, voltou a desabafar:

— Continuo sem poder beber, Caio. Uma merda.

— E você bebe?

— Claro. Viajo muito. O que que eu vou fazer? Água?

Quando lançou o *Leão de Chácara*, com estouro de crítica, fez-me uma carta, datada de 29 de agosto de 1975, porque a editora ia lançar nova edição do *Malagueta, Perus e Bacanaço*:

Prezado Caio Porfírio Carneiro,

Você assistiu ao nascimento do *Malagueta, Perus e Bacanaço*, praticamente nas mesas dos botequins do Vale do Anhangabaú há uns quinze anos (porra, isso é uma vida, homem!) Acho que é a pessoa indicada para escrever a história do ‘Malagueta, Perus e Bacanaço’, três malandros de cafés fiados. Se você quiser, respondo a um questionário seu...

Fiz o trabalho e ele o divulgou largamente.

As cartas se sucedem, reclama da saúde, de dinheiro, dos editores, e me volta a pedir um favor:

Copacabana, 8 de março de 1976.

Caio:

Esta é para lhe pedir um favor, que você talvez goste de me prestar. O atual número do *Jornal de Debates* (8 de março), na sessão de cartas, tem uma de 3 colunas, assinada por..., com o título *Chefa de Demagogia*.

Bem. Eu acho que quem vai à chuva é para se molhar...

Chama-me, entre outras coisas, de maniqueísta, machista, servil reprodutor da gíria urbana... Ataca, principalmente, meu trabalho 'Galeria Alaska'...

O que eu lhe peço é o seguinte, Caio: você está lendo o *Malbação do Judas Carioca*... Você não gostaria de responder ao ..., mandando uma apreciação dos meus livros e enviar para o *Jornal de Debates*, a cargo do editor, Cícero Sandroni?

É um favor que lhe peço e uma sugestão que lhe dou. Acho que você é uma das pessoas que mais coisas têm a declarar sobre os meus escritos.

Aguardo suas notícias. E receba um grande abraço do

João Antônio.

Para essas coisas a gente não pensa duas vezes. Fiz o trabalho e mandei brasa no cara. Nem me lembro mais o que escrevi.

E vejo aqui esta carta de 12 de agosto de 1976:

Caio,

Esta semana está sendo lançado o meu livro *Casa de Loucos*.

Faz exatamente 16 anos que pegou fogo na minha casa em São Paulo...

E por aí vai, na carta longa, falando do seu passado e dos seus projetos. Dá-me notícias do andamento do *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. E volta, volta sempre, como uma obsessão, ao *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

E como no trecho da carta acima ele relembra o incêndio da sua casa, que queimou os originais do seu livro de estréia, e isto me recorda o seu olhar espavorido, entrando no escritório, exclamando: “Caio, perdi tudo. A minha casa pegou e perdi o único original do *Malagueta*. Não tenha cópia.” — “Os rascunhos estão ali. Quase jogo fora. A Ilka deve ter alguma coisa” — paro por aqui estas curtas transcrições de uma correspondência, sobretudo afetiva, amiga, sem falsos elogios de ambas as partes, e que se prolongaria até meados de década de 80. As cartas passaram a ser raras, mas sempre no mesmo tom, naquela sua maneira de escrever, misturando assuntos, jogando no papel o que vinha na cabeça. Pula de uma frase belamente construída para outra cheia de palavrões. Pouco me falava dos seus sucessos literários e eu pouco lhe falava das minhas possíveis vitórias. Nunca falava da sua vida amorosa, um pouco dos seus projetos, e eu me comportava da mesma maneira. Porque é uma secessão de cartas amigas, nascidas de uma afetividade muito particular, que começou com o porre que tomamos na saída da Editora Cultrix, após a festa de entrega dos prêmios do concurso literário promovido pelo escritor Ricardo Ramos.

Difícil, pois, transcrever trechos delas, porque ele fala muita coisa numa só carta, muitas delas longas. Talvez visse em mim, ou através de mim, inconscientemente, o nascimento dos seus três malandros queridos. Tão queridos que *Abraçado ao meu rancor*, ao meu ver o seu melhor trabalho depois do *Malagueta*, é, em essência e no fundo, o rancor e a raiva de não mais conseguir ligar o presente ao passado, ao começo da sua carreira.

Vi-o, pela última vez, na Bienal Internacional do Livro, de 1996, aqui em São Paulo. Levantou-se da mesinha onde autografava e quase me segredou, depois do abraço:

— Preciso falar com você. Não vá embora.

Mas fui a outro pavilhão e encontrei um amigo que podia me deixar em casa de carro. Aproveitei, certo de que, no dia seguinte, falaria com ele na Bienal. Mas ele voltou para o Rio.

Morreu pouco tempo depois.